

Documentos Históricos do MovAUT

Nota Introdutória: entendendo o contexto

Os textos abaixo, dedicados neste número a preencher esta seção de nossa revista destinada a publicar e divulgar alguns dos documentos históricos do *Movimento Autogestionário* compõe-se de quatro panfletos distribuídos em dois movimentos grevistas dos trabalhadores em educação de Goiás. A panfletagem é uma estratégia, entre outras, de divulgar determinadas idéias. Quando o *Movaut* faz seus panfletos tem sempre o claro objetivo de criticar alguns elementos da ordem existente a fim de colocar a tendência, a possibilidade de se criar novas formas de organização e prática política. Os panfletos abaixo tinham a intenção deliberada de cumprir este papel.

São, em primeiro lugar, destinados aos trabalhadores em educação envolvidos nos movimentos grevistas. A intenção dos panfletos era apresentar a possibilidade e mais que isto, a necessidade de os trabalhadores em greve avançarem cada vez mais sua luta. Nunca pretendemos dar uma receita pronta e acabada, mas nos esforçamos para demonstrar que o que existe é problemático e que é necessário superá-lo. Em segundo lugar, era destinado a criticar os partidos e os sindicatos.

Os dois primeiros panfletos: “*Inventar novas formas de luta: por uma ação além do sindicato*” e “*Para ampliar a luta: intensificar a greve dos trabalhadores em educação*” foram distribuídos pelo *Movaut* na greve dos professores dos municípios de Aparecida de Goiânia e Goiânia durante os meses de maio a julho de 2010. A tarefa declarada dos panfletos era: a) criticar o Sintego, sindicato petista que monopoliza e trava a luta dos professores em Goiás desde a década de 1980; b) criticar os partidos políticos, que tentam utilizar a greve como plataforma eleitoral; c) apresentar a necessidade de auto-organização como forma de superar o *status quo*; d) demonstrar que a luta por salários é somente o primeiro passo da luta, sendo necessário superar-se a si mesma a cada momento.

Os dois últimos panfletos: “*A greve na educação e autonomia dos professores*” e “*O Sintego – estratégia de uma política decadente*” foram

elaborados e distribuídos pelo Movaut durante a greve dos professores da rede estadual de educação durante os meses de fevereiro e março de 2012. Da mesma forma que os anteriores, sempre foi colocada a necessidade de se superar as organizações burocráticas (partidos e sindicatos), bem como a estratégia de auto-organização como forma alternativa de luta em detrimento dos organismos burocráticos.

Inventar novas formas de luta: por uma ação além do sindicato

Professores, nós vivemos no século XXI, mas nossos sindicatos são do século XIX. Surgiram como organizações de trabalhadores, mas que com o desenvolvimento histórico da sociedade capitalista, com o aumento da burocratização e mercantilização das relações sociais, os sindicatos tornaram-se organizações completamente integradas ao capitalismo. Além de estarem integrados, os sindicatos criam uma classe social que tem interesses próprios: a BUROCRACIA SINDICAL. Os sindicalistas não são professores, mas burocratas sindicais. Em grande parte, estão atrelados às esferas partidárias e governamentais, por isto, não vão contra os governos, não vão contra os partidos e é por isto que vão CONTRA OS TRABALHADORES.

Se num passado muito distante os sindicatos já serviram como forma de organização e luta dos trabalhadores, hoje, eles não servem mais. O mesmo vale para os partidos políticos. A diferença é que estes já nasceram integrados e ao invés de representarem os trabalhadores, simplesmente fortalecem a BUROCRACIA PARTIDÁRIA. Assim, partidos e sindicatos devem ser negados como forma de luta e organização dos trabalhadores.

Isso quer dizer que não devemos esperar o SINTEGO fazer aquilo que somente os professores podem fazer. O exemplo mais recente que temos é a experiência dos professores da rede municipal de ensino de Goiânia que fizeram a GREVE apesar do sindicato e contra o sindicato. Em que pese este tenha aderido a GREVE, não foi por que quis, mas sim por que foi obrigado. Não foram os professores que aderiram à greve do SINTEGO, mas sim o SINTEGO que aderiu à greve dos professores. Isto prova que os sindicatos não são tão necessários quanto se pensa.

Então, como agir? Não há a fórmula mágica que irá resolver todos os problemas. O que há é a necessidade de se criar novas formas de ação política. Os professores da rede municipal de Goiânia estão utilizando seus

comandos regionais de greve como formas de organização, em sua maioria independentemente do SINTEGO. Uma outra alternativa seria a **criação de núcleos de professores** organizados por escolas, bairros, regiões da cidade etc. Estes núcleos teriam como função debater as condições de trabalho, encaminhar propostas de luta, enfim, organizar a ação coletiva dos professores, no início em escala local, depois municipal, estadual etc.

Assim, convidamos todos os professores que estão cansados de dizer sim aos governos, aos partidos e ao SINTEGO, a utilizarem esta assembléia como uma primeira experiência de forma organizativa para além do sindicato. O **Movimento Autogestionário** quer contribuir, dentro de suas possibilidades, com este processo.

Para ampliar a luta: intensificar a greve dos trabalhadores em educação

Os professores da rede municipal de Goiânia e Aparecida de Goiânia têm demonstrado toda sua força e coragem ao declararem e sustentarem a greve. Demonstraram que tem força suficiente para ir contra a direção do SINTEGO, que, desde o início, tem provado que não a quer. Da primeira à última assembléia, o conjunto dos professores teve que sustentar seus pontos de vista além do sindicato. Assim, é necessário reconhecer como opositores: a) a prefeitura/secretaria de educação; b) o SINTEGO.

Um outro elemento que deve ser destacado é a ação repressiva do estado. Este, por meio da polícia, vem empreendendo uma política ostensiva de repressão aos professores. Tanto em Goiânia, quanto em Aparecida, o que se vê é a polícia batendo e prendendo professores que reivindicam que o município cumpra a lei. Parece até que as coisas estão invertidas, mas não estão. A função do estado e da polícia é justamente esta. Manter tudo como está. Se para isto for necessário a repressão que assim seja.

De qualquer forma, os professores de Goiânia e Aparecida estão provando que é por meio da auto-organização, através dos comandos de greve, que se conquistam vitórias reais. Agora é hora de ampliar a luta. A consciência de que as conquistas não vem de cima já é uma realidade dentro do movimento grevista. Mas e agora, o que se pode fazer? Como ir além do que já está posto?

É necessário seguir a dinâmica concreta das lutas. Não se pode fugir da realidade. É por isto que os professores da rede municipal de Goiânia devem colocar como pauta de sua reflexão: a) não esperar pelas assembléias e paralisações do SINTEGO para se reunirem; b) convidarem os pais e alunos para reuniões periódicas nas escolas, nas quais se discutam questões pertinentes à educação, à greve etc.; c) fortalecer seus comandos de greve, convocando e indo às reuniões; d) criar espaços de

debate e organização permanentes nas escolas, nos bairros etc. Enfim, devem auto-organizar suas próprias lutas.

Através destas formas de luta e organização, os professores podem questionar: a) as normas burocráticas (leis, regras, diários etc.) que os oprimem cotidianamente na escola, a super-lotação de salas, as más condições de trabalho, além, é claro, os baixos salários, piso salarial etc. Ou seja, a luta é muito mais do que meramente reivindicação salarial, em que pese esta seja fundamental. **Usar a luta pelo salário para questionar tudo o que é opressor na escola.** Esta deve ser uma bandeira de luta de todos aqueles que desejam outra educação.

Um escravo jamais será libertado pelo senhor de escravos. **A libertação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.** Isto implica que não serão os partidos, não serão os sindicatos, não será o estado (que reprime com a polícia), nem muito menos os patrões que melhorarão as condições de existência dos trabalhadores. Somente eles, contra todas as classes dominantes poderão fazê-lo. Assim, concretamente, auto-organizem suas próprias lutas, pois, como diria Mayakovski: “Pobre o povo que precisa de heróis”. Numa única palavra: não há mudança sem luta, não há luta sem auto-organização, não há auto-organização sem pessoas para lutar.

A greve na educação e a autonomia dos professores

A educação para os filhos de trabalhadores não é prioridade para o estado em qualquer de suas escalas (municipal, estadual e federal). Esse fato torna-se visível quando acompanhamos a situação da educação pública em nosso país. O massacre diário que os trabalhadores da educação sofrem pela burocracia institucional, tal como jornada de trabalho tripla, desregulação das conquistas trabalhistas, imposições de gabinetes, aumento da idade para aposentadoria, precariedade física das escolas, o confinamento de crianças nessas condições etc. mostra a maneira como a classe dominante lida com a educação da classe trabalhadora. O estado em Goiás é um exemplo desses fatos, tanto nos governos municipais como no governo estadual, o descompromisso e os poucos recursos destinados à educação mostram o processo epidêmico de descaso que existe no estado.

Diante desse quadro, os trabalhadores da educação em Goiás foram forçados a mais uma greve contra a situação de calamidade na qual se encontram. É necessário, neste momento, reconhecer todos os interesses e grupos envolvidos no processo. O governo precariza o trabalho dos servidores em educação; O judiciário, antes de qualquer coisa já declarou a greve ilegal; O Sintego, na assembléia de deflagração da greve tentou, como fez todo o ano passado, não deflagrar a greve da categoria, pois teme perder o controle sobre os professores; os partidos políticos, quando não estão no poder, sempre tentam fazer da greve um palanque para lançar seus candidatos, quando estão no poder (o PT, por exemplo) são uma força que visa controlar e submeter os trabalhadores em greve.

Vejam-se os exemplos das últimas greves em Goiás. Em 2008, o então diretor do Sintego aceitou passivamente o corte de ponto dos grevistas e coincidentemente tornou-se secretário de educação da

prefeitura de Aparecida de Goiânia; em 2010 os trabalhadores da educação da prefeitura de Goiânia tiveram sua greve terminada pela direção do Sintego, além de enfrentar constantes sabotagens efetivadas por este sindicato com a intenção de acabar com a greve. No entanto, os professores não aceitaram as manobras e continuaram com a mobilização até o último momento, mesmo contra a direção do sindicato.

Se todos aqueles que dizem nos representar são, na verdade, opositores, o que se há para fazer? Não existe obviamente a fórmula mágica que resolverá todos os problemas, mas partidos e sindicatos são um tipo de organização que não serve mais aos interesses dos trabalhadores. É necessário que estes afirmem-se por si mesmos, criando organizações as quais estão sob seu controle (os professores não controlam o Sintego, pois seus dirigentes são autônomos em relação aos docentes). Que organização poderia-se então criar? Seguindo o exemplo dos professores da Prefeitura de Goiânia: o comando de greve é uma ótima iniciativa. Pode ser uma organização estadual, municipal, por local de trabalho etc. O importante é que seja controlada diretamente pelos trabalhadores em educação. Esta assembléia é um ótimo espaço para se iniciar esta articulação. *Não deixe para seus “representantes” aquilo que somente você pode fazer.*

O SINTEGO – estratégia de uma política decadente

Caros professores em luta, a classe trabalhadora deve estar ciente de que os governos existem para garantir privilégios para si mesmos e auxiliar os capitalistas a enriquecerem, cada vez mais, às custas dos trabalhadores. Assim como os demais, o governo Marconi Perillo não foge a esta regra. Por isso, ao admitir regulamentar o Piso Salarial Nacional dos professores da rede estadual, reduziu as gratificações de titularidade previstas no Plano de Carreira. Em parte, os governos fazem isso porque os sindicatos já não representam nenhum obstáculo a esse tipo de medida contra os direitos dos trabalhadores. Na verdade, há muito tempo que essas entidades deixaram de ser um instrumento de luta contra a exploração da classe trabalhadora.

Com o desenvolvimento do capitalismo e a crescente burocratização das relações sociais, os sindicatos tornaram-se organizações completamente integradas ao sistema de dominação. Além de estarem integrados, criam um grupo de dirigentes profissionais com interesses próprios: a BUROCRACIA SINDICAL. Os sindicalistas não são trabalhadores (professores), são burocratas. Em grande parte, estão atrelados às esferas partidárias e governamentais, por isso, não vão contra os governos, nem contra os partidos, e é por isto que vão CONTRA OS TRABALHADORES.

Tão prejudiciais quanto os sindicatos, são os partidos políticos. A diferença é que estes já nasceram integrados e, ao invés de representarem os trabalhadores, simplesmente fortalecem a BUROCRACIA PARTIDÁRIA. Assim, partidos e sindicatos devem ser negados como forma de luta e de organização dos trabalhadores. Isso quer dizer que não devemos esperar o SINTEGO fazer aquilo que somente os professores podem fazer. O SINTEGO vem demonstrando ao longo da história que tem compromissos bastante alheios aos interesses dos professores e isto se expressa na prática política dos seus dirigentes. Por exemplo, na greve de 2008, a sua

diretoria admitiu o corte de pontos dos professores sem a devida resistência. O estranho foi que, no ano seguinte, o seu então presidente se tornou Secretário de Educação de Aparecida de Goiânia. Em 2010, devido à vinculação partidária do SINTEGO com o PT, a diretoria deste sindicato sabotou a todo momento a greve dos professores da rede municipal de Goiânia. Por fim, como não conseguia controlar a radicalidade dos professores, a sua presidente decretou o fim da paralisação, mesmo contra a vontade da categoria.

Agora, é momento dos professores tomarem em suas próprias mãos os rumos de sua luta. Deixar que o SINTEGO conduza todo o processo é permitir novamente a traição. É necessário inventar novas formas de organização e ação política. Os partidos e os sindicatos estão contra os professores e os trabalhadores em geral.

Sem os partidos e sem os sindicatos, como se organizar politicamente? O comando de greve, formado pelos próprios trabalhadores, é uma forma de organização e ação política que pode agir para além do sindicato e mesmo contra a sua burocracia. Isto ficou claro na greve dos professores de Goiânia, que colocaram o comando de greve (ou de luta) como força política do movimento. Os comandos podem ser organizados por município, por região, por local de trabalho etc. A assembleia pode ser um ótimo espaço para articular comandos de greve, núcleos de professores etc. que se organizem e coloquem a condução da luta em suas próprias mãos. O Movimento Autogestionário (Movaut) quer contribuir com a auto-organização dos professores, sem jamais pretender dirigi-los, como fazem as burocracias sindical e partidária. A direção da luta dos trabalhadores contra a exploração e pelos seus direitos só compete aos próprios trabalhadores. A ninguém mais.

REVISTA ELETRÔNICA DE CIRCULAÇÃO LIVRE